



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

CAMPUS CHAPECÓ

CURSO DE CIÊNCIAS SOCIAIS

GÉSSICA ZILLOTTO BELLEI

ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE:

**UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUNICÍPIO DE CAXAMBU DO SUL-SC,
ATINGIDO PELA UHE FOZ DO CHAPECÓ**

CHAPECÓ

2016

GÉSSICA ZILLOTTO BELLEI

ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE:

UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUNICÍPIO DE CAXAMBU DO SUL-SC,
ATINGIDO PELA UHE FOZ DO CHAPECÓ

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado como requisito para obtenção de grau
de licenciatura em Ciências Sociais da
Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Humberto José da Rocha

CHAPECÓ

2016



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
Ministério da Educação
Universidade Federal da Fronteira Sul

ATA DE AVALIAÇÃO DA DEFESA DE TRABALHO DE
CONCLUSÃO DE CURSO

Aos vinte e dois (22) dias do mês de março de dois mil e dezessete (2017), na sala 403A, às 09, no Campus Chapecó, na Universidade Federal da Fronteira Sul, reuniu-se a banca avaliadora do Trabalho de Conclusão de Curso constituída pelos professores: Prof^a. Dr^a. MÔNICA HASS; Prof. Me. ALEXANDRE MAURICIO MATIELLO, sob a presidência do Orientador Prof. Dr. HUMBERTO JOSÉ DA ROCHA para avaliar o Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Sociais - Licenciatura - da acadêmica: **GÉSSICA ZILOTTO BELLEI** sob o título: "Êxodo Rural da Juventude: Um estudo de caso sobre o município de Caxambu do Sul-SC, atingido pela UHE Foz do Chapecó" obteve a nota final 8, sendo considerada APROVADA.

Comentários da banca (observações e/ou recomendações):

Chapecó (SC), 22 de março de 2017.

Dr. Humberto José da Rocha

Dr^a. Mônica Hass

Me. Alexandre Mauricio Matiello

GÉSSICA ZILLOTTO BELLEI

ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE:

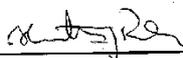
UM ESTUDO DE CASO SOBRE O MUNICÍPIO DE CAXAMBU DO SUL-SC,
ATINGIDO PELA UHE FOZ DO CHAPECÓ

Trabalho de conclusão de curso de Graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof. Dr. Humberto José da Rocha

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em:
22/03/2017

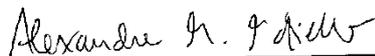
BANCA EXAMINADORA:



Prof. Dr. Humberto José da Rocha



Prof.ª. Dra. Mônica Hass



Prof. Ms. Alexandre Mauricio Matiello

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de licenciatura em Ciências Sociais, com o tema- Êxodo Rural da Juventude, tem como objetivo geral analisar o êxodo rural da juventude das comunidades Cecon, São Félix e Volta Grande no município de Caxambu do Sul-SC entre os anos de 2000 e 2016. A pesquisa se direcionou pela pergunta tema que era o que motivou a saída dos jovens dessas comunidades. Para fundamentar nosso trabalho realizamos pesquisa bibliográfica em diversas fontes universitárias e autores já conhecidos, essas referências foram feitas primeiramente no que diz respeito ao Brasil como um todo vindo posteriormente a falarmos da região do Oeste Catarinense, do qual o município de Caxambu do Sul faz parte. Para o desenvolvimento do trabalho realizamos entrevistas com jovens que residiam nessas comunidades tal qual com seus pais que ainda residem nas localidades. Como resultado o nosso trabalho procura demonstrar que o êxodo rural e principalmente o da juventude é um processo normal, porém no município de Caxambu do Sul-SC, esse processo sofreu uma aceleração com a vinda da Hidrelétrica Foz do Chapecó.

Palavras chave: Caxambu do Sul. Êxodo Rural. Juventude. Hidrelétrica Foz do Chapecó. Oeste Catarinense.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1: ÊXODO RURAL E URBANIZAÇÃO.....	11
FIGURA 2: PERCENTUAL DE POPULAÇÃO URBANA E RURAL ENTRE 1940 E 2010.....	12
FIGURA 3: BRASIL- EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO 1940-2000.....	13
FIGURA 4: JOVENS RESIDENTES NAS ÁREAS RURAIS E URBANAS EM 1970 E 2010.....	17
FIGURA 5: ÊXODO RURAL.....	18
FIGURA 6: PROBLEMAS DA VIDA NO CAMPO.....	20
FIGURA 7: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL SOLTEIRA POR SEXO E FAIXA ETÁRIA EM 20 MUNICÍPIOS REPRESENTATIVOS DA AGRICULTURA FAMILIAR DO OESTE DE SANTA CATARINA.....	24
FIGURA 8: TAXAS DE CRESCIMENTO POPULACIONAL DOS MUNICÍPIOS DO TERRITÓRIO OESTE CATARINENSE.....	27
FIGURA 9: EVOLUÇÃO POPULACIONAL.....	32
FIGURA 10: POPULAÇÃO TOTAL DE CAXAMBU DO SUL NO PERÍODO DE 1980 A 2010.....	33
FIGURA 11: TAXA DE CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL DA POPULAÇÃO SEGUNDO CAXAMBU DO SUL, REGIÃO OESTE, SANTA CATARINA E BRASIL, NO PERÍODO DE 2000 A 2010.....	34
FIGURA 12: POPULAÇÃO RESIDENTE POR DOMICÍLIO EM CAXAMBU DO SUL NO PERÍODO DE 1980 A 2010.....	35
FIGURA 13: DISTRIBUIÇÃO RELATIVA DA FAIXA ETÁRIA DA POPULAÇÃO DE CAXAMBU DO SUL EM 2000 E 2010.....	35

Sumário

1. INTRODUÇÃO	4
2. ÊXODO RURAL E A JUVENTUDE NO BRASIL	7
2.1. ÊXODO RURAL NO BRASIL	7
2.2. JUVENTUDE NO BRASIL.....	13
2.3. ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE NO BRASIL.....	16
3. ÊXODO RURAL E JUVENTUDE NO OESTE CATARINENSE	21
3.1. ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE NO OESTE CATARINENSE	21
3.2. BREVE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CAXAMBU DO SUL-SC E O ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE.....	25
3.3. ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE E HISTÓRIA DAS COMUNIDADES CECON, SÃO FÉLIX E VOLTA GRANDE NO MUNICÍPIO DE CAXAMBU DO SUL-SC.....	28
4. ANÁLISE DA PESQUISA	32
4.1. UM MOVIMENTO POPULACIONAL NORMAL.....	32
4.2. UMA HIDRELÉTRICA COMO PARTICULARIDADE.....	36
4.3. DA BARRANCA PARA A PERIFERIA (CIDADE)	38
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	42
REFERÊNCIAS	45

1. INTRODUÇÃO

Vivemos em uma época de evolução, onde hoje depois de muitas lutas e resistência de nossos pais, e movimentos sociais podemos dizer que residir na área rural e trabalhar na agricultura não é tido mais como uma vergonha por parte de nossos jovens como era antigamente, onde só ouvíamos dizer que se tornava agricultor quem não tinha capacidade para realizar outras tarefas. Através dessas lutas quem ainda reside e trabalha na agricultura tem amor e muita alegria de dizer “eu sou agricultor (a)”.

É na hora em que os filhos desses agricultores estão na juventude que eles precisam ver no rosto de seus pais a alegria e o amor que eles sentem pela profissão, e que é essa profissão que já foi tão menosprezada que traz o alimento a todos os povos da nação. Essa juventude precisa nesse momento perceber que seus pais os estimulam cada dia mais a realizarem a sucessão familiar da propriedade.

A temática da pesquisa é de verificar quais são os motivos que levaram e levam até hoje os jovens rurais do município de Caxambu do Sul-SC a saírem da propriedade de seus pais e irem residir nos centros urbanos.

Com a hipótese inicial de que o êxodo rural da juventude no município de Caxambu do Sul estado de Santa Catarina é um dos principais problemas enfrentados pelo município, pois com a saída desses jovens do meio rural o interior do município está ficando numa situação caótica, já que a maioria dos moradores das comunidades é idosa. Isso se prova pela falta de emprego e estudo na cidade, e também pelo reservatório da Usina Foz do Chapecó ter atingido uma boa parte de terras das comunidades próximas ao Rio Uruguai.

Na medida em que realizamos a revisão teórica, e, também, metodológica para o projeto de pesquisa percebemos que analisar quais os motivos que levaram os jovens somente da comunidade São Félix a saírem da área rural e o que os pais desses jovens acham dessa decisão de seus filhos, iríamos ter uma amostra pequena, sendo assim decidimos pesquisar também as comunidades Cecon e Volta Grande.

Durante a pesquisa optamos por resgatar o referencial teórico do êxodo rural da juventude no Brasil e da região oeste de Santa Catarina. Verificamos

também quais foram os impactos da construção da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó nessas comunidades, e se esse ponto acelerou a saída dos jovens.

Para alcançar os objetivos deste trabalho foi necessário compreender um conjunto de significados e fatores que constituem a problemática que envolve a questão do êxodo rural brasileiro, para tanto essa pesquisa assume uma abordagem de caráter qualitativo, cujos dados são resultados de um processo de coletas de dados por meio de pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo.

Entendemos que para uma pesquisa bibliográfica é necessário sempre chegarmos o mais próximo possível das teorias e conceitos clássicos. Dessa forma, buscamos conceitos e pesquisas sobre o êxodo rural e juventude, sendo Camarano, Abramovay e Brumer os principais autores estudados. Para esse passo foi necessário um acúmulo de leituras anteriores para que os recortes dos referenciais teóricos que compuseram este trabalho estivessem de acordo com os objetivos geral e específicos.

Para a pesquisa de campo optamos por realizar entrevistas semiestruturadas com os jovens que saíram das comunidades pesquisadas e com os seus pais, membros da administração pública do município, com a intenção de aprofundar as questões que envolveram essa saída. Elaboramos um roteiro com cinco perguntas norteadoras para que pudéssemos intervir e fazer outros questionamentos que surgissem durante as entrevistas.

Ao todo entrevistamos cinco pais e dez jovens, prefeito e secretário da agricultura, sendo que todos autorizaram a gravação de áudio de suas entrevistas, bem como sua publicação, desde que seus nomes fossem mantidos no anonimato, por esse motivo os nomes que aparecem durante a pesquisa são todos de caráter fictício.

As questões realizadas aos jovens entrevistados foram as seguintes:

-Há quanto tempo saiu da casa dos pais, e qual o motivo?

-Se a barragem não tivesse atingido a propriedade de seus pais, ainda estaria morando com eles?

-Como observa o êxodo rural dos jovens na comunidade de seus pais?

Para os pais realizamos as perguntas:

-Há quanto tempo reside no local?

-Com a vinda da barragem Foz do Chapecó vocês perceberam alguma diferença na diminuição ou aumento da população na comunidade?

-Alguns de seus filhos saíram de casa por causa da barragem?

Para o prefeito e seu secretário realizamos questões no sentido de quais as principais ações para a diminuição da saída dos jovens:

-Qual o principal motivo para a saída dos jovens das comunidades Cecon, São Félix e Volta Grande?

-Qual as preocupações da administração em relação ao êxodo rural da juventude?

-O município possui algum incentivo para que os jovens permaneçam no campo?

Antes de realizarmos a pesquisa de campo fizemos a pesquisa bibliográfica, onde no primeiro capítulo trabalharemos sobre o êxodo rural e a juventude como um todo em nível de Brasil. Após decorreremos sobre esse assunto, apresentaremos no segundo capítulo sobre o êxodo rural e a juventude na região Oeste do estado de Santa Catarina, região essa em que o município de Caxambu do Sul faz parte. Ainda nesse capítulo apresentamos o município sede da nossa pesquisa, bem como as comunidades que serão protagonistas dessa pesquisa, falando sobre a sua história e o êxodo rural da juventude.

No último capítulo discutiremos que o êxodo rural como um todo e também o da juventude é um movimento natural que vem ocorrendo ano após ano em todo o mundo, entretanto no município de Caxambu do Sul houve uma particularidade presente nesse êxodo que foi a vinda da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó, em que o lago da barragem atingiu as comunidades da Cecon, São Félix e Volta Grande. Nesse capítulo apresentaremos as entrevistas realizadas com os pais que ainda residem nas comunidades e os jovens que saíram dessas comunidades e qual foi o grande motivo da saída dos jovens, tal como a cidade em que foram residir.

2. ÊXODO RURAL E A JUVENTUDE NO BRASIL

O primeiro capítulo do presente trabalho traz o êxodo rural visto em todo o Brasil bem como o êxodo rural da juventude brasileira. Além disso apresentamos a história da juventude brasileira segundo autores da área da Sociologia e da História.

2.1. ÊXODO RURAL NO BRASIL

O êxodo rural é constante na história do Brasil desde que se estabeleceram os núcleos urbanos. Para Camarano e Abramovay (1998), os anos entre 1960 e 1980 foram a época em que o movimento do êxodo rural brasileiro alcançou a margem dos 27 milhões de pessoas, sendo assim um dos países que mais tiveram movimento migratório considerando a proporção ou até mesmo a quantidade absoluta da população rural atingida.

Os estudos sobre o êxodo rural não são frequentes e fáceis de se encontrar, segundo os autores,

talvez, porém, mais importante que as dificuldades técnicas de acesso aos dados seja o fato de que o êxodo rural deixou de estar entre os interesses prioritários dos estudiosos do tema, a começar pelos demógrafos. O surgimento de novos temas (mortalidade por violência nas grandes cidades, desemprego urbano, envelhecimento populacional, etc.) responde em parte por esta situação e o estudo do êxodo rural aparece como assunto pouco promissor. Tudo se passa como se o esvaziamento social, demográfico e econômico do campo fosse uma fatalidade inerente ao processo de desenvolvimento ou como se acreditasse que o fenômeno estudado já tivesse perdido importância quantitativa. (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998, p. 45).

Conforme os dados apresentados pelos autores supracitados desde o ano de 1950 a cada dez anos um em cada três brasileiros que vivem no meio rural optam pela imigração para a cidade. Um outro fator que torna o estudo do êxodo rural brasileiro interessante é a diferenciação regional dos ritmos desse movimento ao longo do tempo. Um terceiro fator é o celibato que vem aumentando no campo, pois conforme os autores, os jovens que vêm deixando o

campo são majoritariamente mulheres, que saem para trabalhar ou estudar, ou na maioria das vezes os dois e não pensam mais em voltar para o campo.

Segundo Bourdieu (2002, p. 83) quando falamos em celibato precisamos ter presente como a influência da residência pode ser exercida diferentemente entre os homens e as mulheres, ou seja, precisa-se ter presente se o fato de ter nascido em um agrupamento de casas (*hameau*) ou em vilarejo (*bourg*) é uma condição para se casar ou viver de forma celibatária.

Reforçando os fatores já citados no parágrafo acima, de que um dos principais fatores do envelhecimento é o celibato no campo, Abramovay et al (1998) e Camarano e Abramovay (1998) (apud BRUMER, 2014, p.116) afirmam que nas últimas décadas, o êxodo rural atingiu fortemente os jovens entre 15 e 24 anos reduzindo assim a taxa de fecundidade e posteriormente aumentando o envelhecimento da população rural como um todo.

Para complementar o que os autores apresentam como fatores do êxodo rural, Brumer et al (2004) apresentam que um dos principais fatores é a condição de trabalho que é muitas vezes insalubre, necessitam de força física, além de jornadas diárias de trabalho sem ter férias ou finais de semana, e a irregularidade e incerteza de lucros. No que diz respeito as mulheres o caso se agrava, pois além desses aspectos, elas ainda possuem a condição subalterna.

No ano de 1970, o Brasil contava com uma população de 41 milhões de habitantes na área rural, a maior média registrada, desse ano em diante a área rural sofreu um declínio chegando em 1996 a ter somente 33,8 milhões de habitantes. Como citado anteriormente um dos motivos dessa queda foi o aumento do celibato e também a diminuição da taxa de natalidade no meio rural e também na cidade.

No que diz respeito ao êxodo rural das regiões do Brasil, Camarano e Abramovay (1998) analisam cada década em separado sendo que na década de 50 quase metade dos migrantes rurais são do Nordeste. Com essa migração rural as áreas metropolitanas tiveram um crescimento vegetativo.

Na década de 60 o movimento muda de região e o Sudeste sofre uma emigração tão forte que nenhuma outra região brasileira sofreu. No Sudeste

nessa década seis milhões de pessoas deixaram a área rural, sendo esse montante a metade de todo o movimento brasileiro.

Martine (1990, apud CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998, p. 53) atribui esse movimento que ocorreu durante a década de 60 as mudanças técnicas que passou a agricultura da região. E que já estavam operando durante os anos 50 com a expansão das grandes cidades da região.

Nos anos 1970 para Camarano e Abramovay (1998), o êxodo rural provou que nem sempre esse movimento está associado às transformações de base técnica dos sistemas produtivos, pois com todas essas tecnologias o campo passou a sofrer o desemprego, visto que agora uma pessoa faz o que antes precisavam de duas ou mais para fazer. Mesmo nas regiões Sul e Sudeste onde ocorre a mecanização intensiva da propriedade o êxodo atingiu fortemente, e continuou a atingir o Nordeste do país onde o trabalho é basicamente manual.

Singer (1971) (apud BRUMER, 2014, p. 118), reforça o que os autores acima pesquisaram. Segundo este, o êxodo rural vem acompanhado das mudanças técnicas que tinham como objetivo principal o aumento da produtividade, porém com essa mecanização ocorreu também a redução de empregos de agregados, parceiros e agricultores que não eram proprietários.

Na década de 1970 a região Sul foi uma das mais atingidas pelo movimento migratório sendo que quase metade da sua população saiu do campo e foi para a cidade, totalizando assim 29% dos migrantes rurais de todo o Brasil.

Ainda conforme Camarano e Abramovay (1998),

o padrão que imperou na expansão da fronteira agrícola em direção ao centro-oeste responde em grande parte pelo seu nítido esvaziamento demográfico rural nos anos 80. A soja no cerrado junta-se a tradição pecuária para construir um meio rural cujas atividades econômicas demandam pouca mão-de-obra. Durante os anos 80, quase a metade 48,8% da população rural do centro-oeste toma o caminho da migração. Como em termos absolutos está população era pequena, o impacto no total nacional de migrações é baixo: apenas 9,7%. (CAMARANO; ABRAMOVAY, 1998, p. 55)

Entre o período de 1980 a 1985 os pesquisadores não consideraram o êxodo como um problema, visto que houve uma redução do dinamismo geral das atividades agropecuárias, e também aconteceu uma multiplicação dos minifúndios além da busca por formas não capitalistas ou menos organizadas de produção agrícola (MARTINE, 1991, apud BRUMER, 2014, p. 119).

Nos anos 1990, conforme Camarano e Abramovay (1998), o êxodo rural brasileiro foi totalmente nordestino, no qual 54,6% da população rural foram para a cidade seja na região ou em outras regiões do país, tudo isso segundo os autores, aconteceu entre os anos de 1990 e 1995. Já nas regiões Sul e Sudeste pela primeira vez, desde que começou o estudo, o êxodo rural se manteve abaixo de 30%.

Durante os anos 1990 podem-se perceber dois pontos diferentes, por um lado as regiões Nordeste e Centro Oeste possuem um êxodo muito significativo. Por outro lado, o Sudeste e o Sul, possuem uma emigração importante, porém não se pode esperar um declínio forte da população residente no campo.

Através de todos os aspectos apresentados até aqui pelos autores estudados analisamos a partir de agora dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) nos censos demográficos de 2000 e 2010.

FIGURA 1- ÊXODO RURAL E URBANIZAÇÃO

Urbanização brasileira Para
Viver Juntos

Êxodo Rural e Urbanização

Regiões	1950		1960		1970		1980		1991		2000	
	PR	PU										
Norte (N)	68	32	62	38	55	45	48	52	42	58	30	70
Nordeste (NE)	74	26	66	34	58	42	50	50	39	61	31	69
Sudeste (SE)	52	48	43	57	27	73	17	83	12	88	09	91
Sul (S)	70	30	62	38	55	45	38	62	26	74	19	81
Centro-Oeste (CO)	76	24	65	35	52	48	32	68	19	81	13	87
Brasil	64	36	55	45	44	56	32	68	25	75	19	81

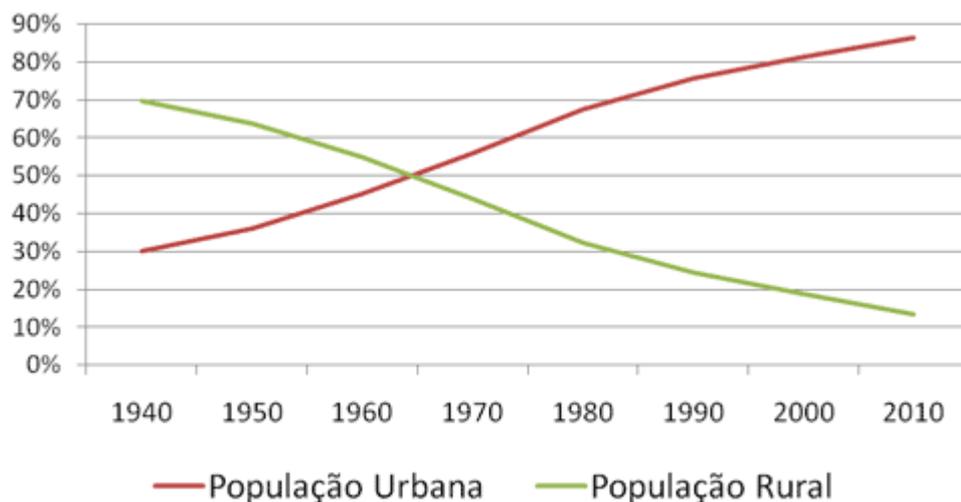
Fonte: IBGE

Fonte: IBGE, <http://slideplayer.com.br/slide/1223191/> Acesso em: 02 ago. 2016

Conforme os dados referentes ao êxodo rural e a urbanização brasileira de 1950 a 2000 nas regiões do país podemos perceber que a população rural teve um declínio e a urbana um acréscimo na proporção de 38 milhões de pessoas na região norte, 43 milhões na região nordeste e sudeste, 51 milhões na região sul, 63 milhões na região centro oeste totalizando o maior declínio da população rural brasileira em todo o país durante esses 50 anos.

No gráfico a seguir iremos apresentar a porcentagem de população urbana e da população rural que o Brasil continha entre os anos de 1940 e 2010.

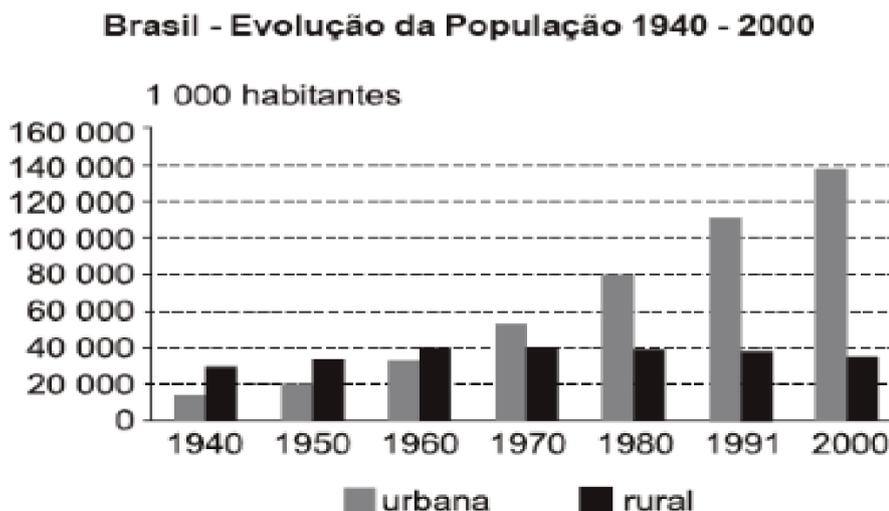
FIGURA 2: PERCENTUAL DE POPULAÇÃO URBANA E RURAL ENTRE 1940 E 2010



Fonte: IBGE, <http://civ.sistti.com.br/> Acesso em: 28 jul. 2016.

Segundo dados do IBGE do último censo demográfico no que se refere a porcentagem da população do país como um todo, em 1940 havia em torno de 70% da população brasileira residindo na área rural enquanto 30% somente residiam na área urbana. Já em 2010 ano do último censo, a população residente na área rural era em torno de 12% a 14% e na área urbana foi em torno de 86% a 88%, apresentando assim que o êxodo rural continua acontecendo até os dias de hoje. Conforme apresentado pelo Instituto o êxodo vem acontecendo em ritmo menor, sendo que da década de 1990 a 2000 foram 4 milhões de pessoas saindo do meio rural, e na década de 2000 a 2010 o número caiu pela metade.

Quando falamos em número de habitantes que residiam na área rural e foram para a área urbana, temos o gráfico abaixo, o qual nos apresenta que no ano de 1940 a população rural era entorno de 25.000.000 habitantes já a urbana estava em menos de 10.000.000 habitantes. No que se refere ao ano de 2000 podemos visualizar que aconteceu totalmente o inverso sendo que na área rural a população estava entorno de 30.000.000 habitantes enquanto a área urbana estava quase em 140.000.000 habitantes.

FIGURA 3: BRASIL-EVOLUÇÃO DA POPULAÇÃO 1940-2000

Fonte: <http://www.infoescola.com/demografia/populacao-do-brasil/exercicios/> Acesso em: 03 nov. 2016

Através do gráfico podemos perceber que o ano 2000 foi o ano em que a população rural ficou em torno de 35.000.000, enquanto que a população urbana esteve em quase 140.000.000, trazendo presente assim o grande êxodo rural que vem acontecendo em todo território brasileiro.

Podemos perceber nessa seção de que o êxodo rural não está presente somente na juventude, mas sim em todas as faixas etárias. No próximo ponto apresentamos a juventude como um todo, vista através dos principais autores e pesquisadores do tema.

2.2. JUVENTUDE NO BRASIL

Para podermos falar em êxodo rural da juventude precisamos primeiro entender quem é essa juventude, quais os seus anseios, suas motivações e angústias, portanto, trago agora nesse item um pouco da história da juventude no Brasil como um todo.

Algumas experiências de organização dessa juventude ocorreram sob a égide do movimento abolicionista que teve seu ponto forte no século XIX. Foi esse movimento que abriu a ação juvenil para uma atuação radical em defesa dos escravos, até mesmo as fugas em massa. (SOFIATI, 2005).

Já no início do século XX, os jovens protagonizaram três grandes movimentos de expressão: o Movimento da Semana de Arte Moderna, o Movimento Tenentista e o Movimento político-partidário que deu origem ao PCB. Para Caccia-Bava (2004, apud SOFIATI, 2005, p. 2) “os grupos de jovens se formaram em torno desses movimentos e foram protagonistas de novas ideias, novas concepções de nação e de Estado”.

No que diz respeito as outras duas décadas posterior a 1920 percebemos os jovens organizados com um ideal solidário frente ao movimento classista, seus principais movimentos eram a juventude integralista, o início do movimento estudantil, sendo fundada nesse ano a União Nacional dos Estudantes (UNE), além de movimentos religiosos.

Já nos anos 1960 a juventude se apresenta através de tendências político ideológicas de sua juventude católica. Segundo Novaes (2000, apud SOFIATI, 2005) esses jovens se apresentavam como intermédios de entidades partidárias e sindicais. Eram provenientes da classe média urbana e sempre questionavam os valores da cultura e da política. Nos anos 1970 com o início da Ditadura Militar e a repressão a juventude ficou afastada das ruas e dos movimentos, porém militavam de outras formas, afim de fazer com que as coisas mudassem.

Quando falamos dos anos 90 percebemos que a juventude nem sempre teve em suas perspectivas utopias e projetos de transformação. Nessa década a juventude se transformou em uma geração individualista. Todavia precisamos ter em mente que mesmo assim houve movimentos importantes no país como é o caso dos “carapintadas” no Impeachment do presidente da república Fernando Collor de Mello, além da juventude do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras (MST) que foi considerada um dos únicos movimentos que conseguiram resistir ao neoliberalismo brasileiro.

Muitos órgãos estão sempre preocupados com alguns rumos que a juventude brasileira bem tomando. Nesse aspecto as igrejas cristãs do Brasil no ano de 2013 realizaram a Campanha da Fraternidade que teve como tema a juventude e como objetivo,

neste momento histórico de grandes mudanças, impactos, descobertas e novidades, encontramos diversidade de jovens. Ao mesmo tempo que vemos as novas gerações identificando-se com este mundo novo, assustam-nos as realidades sofridas que muitos jovens brasileiros enfrentam. Os jovens são notícia quase que diária em veículos de comunicação. Mesmo sendo idealizados nos comerciais, como modelos de beleza, de vigor, de saúde e de liberdade, nos noticiários são apresentados, muitas vezes, como violentos, como descompromissados, como desordeiros, como libertinos e voltados às drogas. Como consequência, as discussões e a preocupação com a realidade dos jovens brasileiros se intensificaram em nossas instituições. Hoje, eles se expressam e se organizam de forma muito distinta da das gerações passadas, o que nos obriga a um esforço de compreensão do que se passa em seu meio. (Campanha da Fraternidade 2013, p.65).

No texto base apresentado pelas igrejas fica claro a preocupação delas em relação às lutas que a juventude vem enfrentando dia após dia para ser vista como a mudança do país.

Sendo assim, percebemos que conforme os anos vão passando a juventude vai se concebendo como uma construção social, histórica, cultural e relacional para assim ter uma permanente evolução do que é ser jovem nos dias de hoje.

Para os órgãos mundiais são considerados jovens as pessoas entre 15 e 24 anos, lembrando sempre que a juventude muda constantemente como sendo uma resposta às circunstâncias políticas, econômicas e socioculturais da sociedade. Porém, no ano de 2010 o IBGE considerou jovem a população entre 15 e 29 anos, faixa essa que detinha $\frac{1}{4}$ da população brasileira, ou seja 51,3 milhões de jovens. (SANTIN, 2010, p. 47).

Conforme Liége Santin (2010, p. 48), formada em direito pela Unochapecó, o conceito de juventude sofreu inúmeras modificações durante todo o século XX, e essas modificações se deram basicamente pelo processo de globalização, esse processo causou grandes impactos no mundo todo, mas em maior efeito sobre a juventude.

Segundo o cientista político Oliveira (2010, apud SANTIN, 2010) quando analisamos e comparamos a situação da juventude atual com a juventude de outras gerações, por exemplo, as de quarenta à cinquenta anos atrás, os jovens dessa época viviam na realidade rural, sem muito acesso a informação ou até mesmo a formação, o nível de escolaridade era baixo e a formação que o povo tinha era quase que sempre da igreja, as opções de lazer eram duas ou três

apenas. Já a juventude de hoje tem uma vasta diversidade de opções de lazer, cursos, diferentes espaços de informação, enfim opções bem diversas.

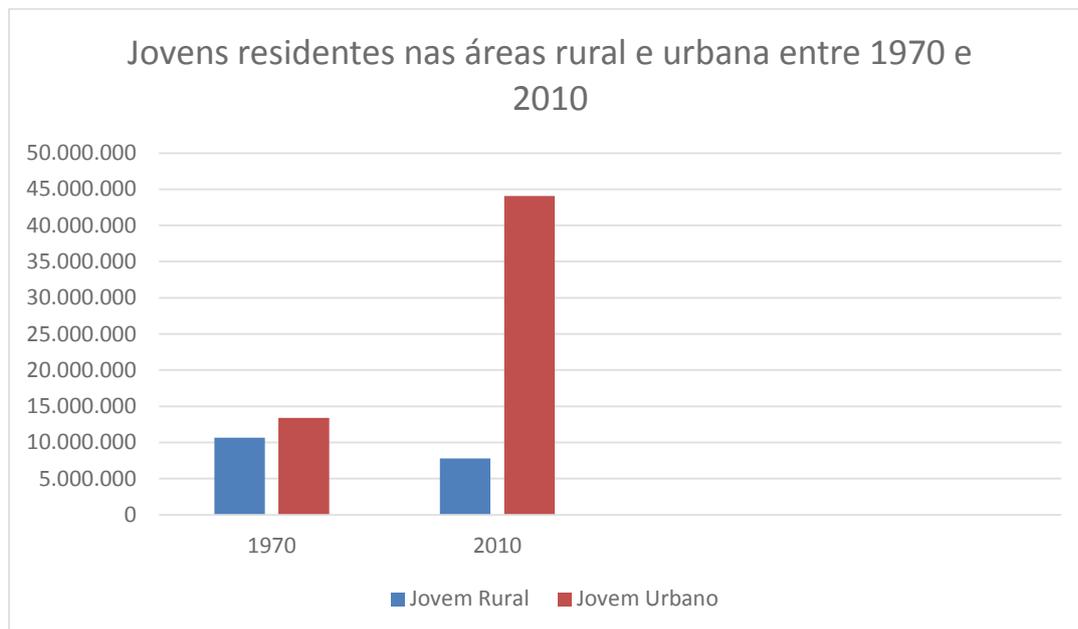
Com esse ponto pesquisado entendemos que a juventude não é um assunto novo para o meio acadêmico. É muito menos um assunto novo para a pesquisa em todas as áreas. No próximo ponto iremos exaltar o êxodo da juventude em todo o território nacional.

2.3. ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE NO BRASIL

O êxodo rural é um movimento constante em todo o território brasileiro, e atinge principalmente os jovens que procuram uma estabilidade melhor seja ela em um emprego ou no salário ou até mesmo em ambos na maioria das vezes. Nessa parte do trabalho apresentaremos a visão de alguns autores especificamente sobre o êxodo rural da juventude de forma geral no Brasil.

Ao tratar do processo sobre o êxodo rural da juventude Foguesatto e Machado (2015) apresentam que na região Sul do Brasil no ano de 1970 a população jovem na área rural era de 2.428.176 e no ano de 2010 diminuiu para 939.738. No que se refere a população jovem rural brasileira no mesmo período reduziu de 10.672.812 para 7.807.628, já a população jovem que reside na área urbana aumentou de 13.397.022 para 44.081.289 (FOGUESATTO e MACHADO, 2015, p. 2797). Podemos perceber melhor esse aumento representado no gráfico.

FIGURA 4: JOVENS RESIDENTES NAS ÁREAS RURAL E URBANA ENTRE 1970 E 2010



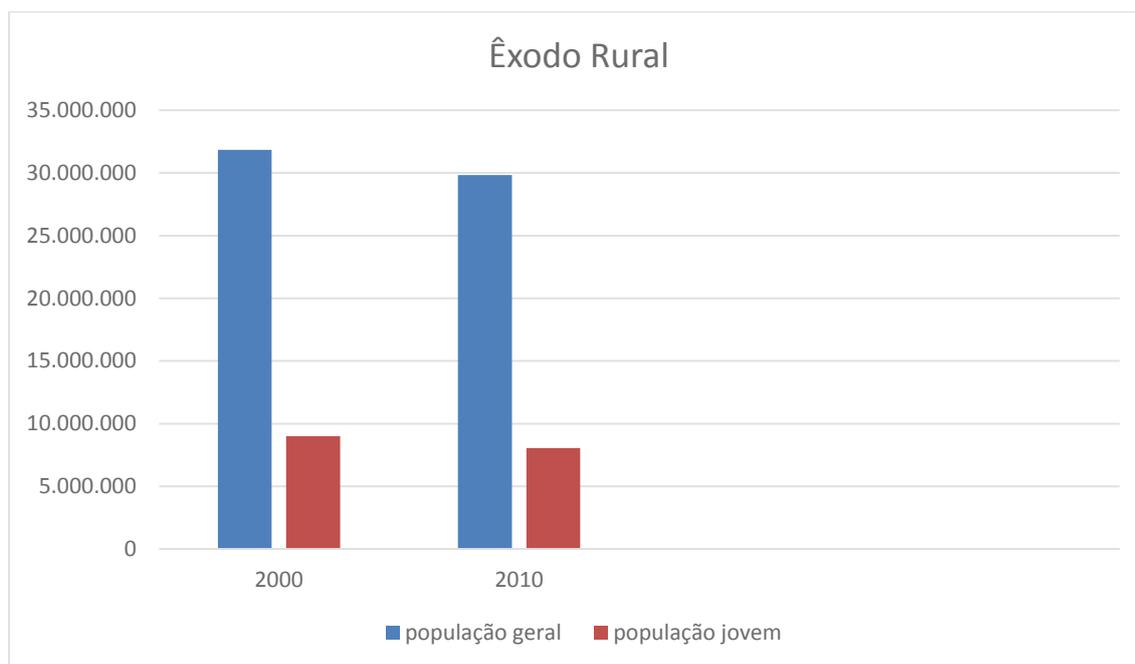
Fonte: FOGUESATTO e MACHADO, 2015, p. 2797.

<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2015b/multidisciplinar/a%20tomada%20de%20decisao.pdf>
Acesso em 03 set. 2016.

Para Kummer e Colognese (2013, p. 208), a juventude rural compõe 4,5% da população brasileira. Entretanto precisamos ter presente que a idade considerada para a juventude rural é de 15 a 29 anos, onde divide-se em três subconjuntos: de 15-17 anos temos os jovens-adolescentes, de 18-24 anos os jovens-jovens e dos 25-29 anos os jovens considerados adultos.

Conforme dados do Censo demográfico do ano 2000 realizado pelo IBGE, a população rural total era de 31.835.143, sendo que havia cerca de 9.000.000 de jovens. Já em 2010 quando foi realizado o outro Censo através do IBGE o Brasil possuía 29.830.007 habitantes na área rural sendo que desses 8.060.454 habitantes eram jovens.

No gráfico a seguir podemos notar que esse contingente da população rural que emigrou foram cerca de 1 milhão da população juntando crianças, adultos e idosos, e cerca um milhão são somente jovens, com isso percebemos o grande e alarmante número de jovens que estão saindo da área rural.

FIGURA 5: ÊXODO RURAL

Fonte: Feito pela autora com base nos dados do IBGE. Acesso em: 03 nov. 2016

Para Brumer (2007, apud KUMMER e COLOGNESE, 2013) a juventude rural sempre que mencionada em estudos e discussões são referidas a dois polos: o êxodo e a permanência. O primeiro se refere a invisibilidade que o jovem possui na área rural, além da grande masculinização e celibato da população do campo, o segundo está ligado a quais são os mecanismos que podem fazer com que esse êxodo diminua. Essa saída dos jovens é tida como um problema, pois conforme Ferreira e Alves (2009, apud KUMMER e COLOGNESE, 2013) esse esvaziamento da juventude no “campo pressagia o fim do mundo rural”.

Stropasolas em seu estudo sobre os dilemas da juventude no que diz respeito aos processos sucessórios da agricultura familiar se refere aos estudos da CEPAL (1996), a qual diz que,

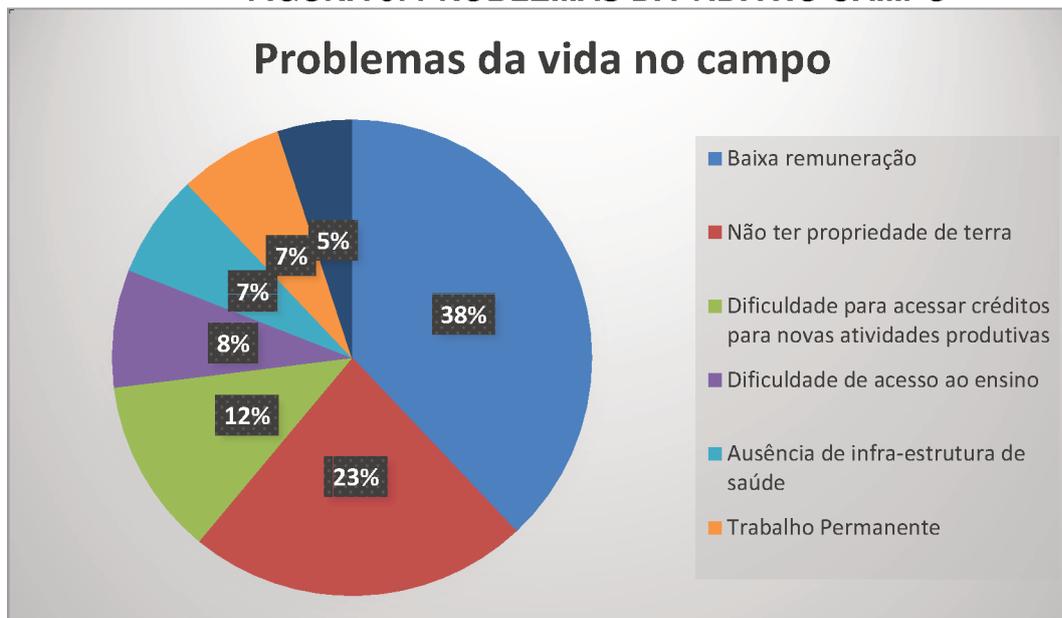
a vida no campo é mais atraente para os rapazes que para as moças. Se aqueles herdarem terra ou têm apoio para levar adiante atividades produtivas, podem elaborar projetos de vida que são alternativas válidas em relação à migração para a cidade. Para as moças, entretanto, uma vida como esposa de agricultor – conhecendo outras alternativas possíveis – pode ser rejeitada ou objeto de resistência, diante de

aspirações de vida em outro meio cultural e ocupacional” (STROPASSOLAS, 2007, p. 286).

Um ponto que também traz presente as grandes mudanças no destino dos jovens da agricultura familiar é apresentado por Brumer (2014), além dos já apresentados anteriormente, indica o avanço da medicina que permitiu o prolongamento da vida humana, e a aproximação entre o campo e a cidade.

Aproximação essa que Matos (2002, apud ZAGO e BORDIGNON, 2012) destaca também ser uma das questões chaves para o êxodo, pois o jovem vai a procura do “moderno”, pois segundo ele o rural é tido como atrasado ou primitivo, fazendo assim com que os jovens do interior saiam em busca dos “moldes” da vida urbana que é tida como “moderna” e assim possam ser vistos como iguais.

Segundo Puntel et al (2011) o espaço do meio rural vem cada vez mais se transformando em um espaço heterogêneo e desigual onde a juventude está sendo mais afetada pela diluição de fronteiras entre o espaço urbano e rural. Somado a isso, destaca à falta de perspectivas para que os jovens que vivem no rural possam acompanhar os padrões de modernização do urbano. Quando os autores na pesquisa indagaram os jovens sobre os problemas da vida no campo a maioria deram como resposta a baixa remuneração e a falta de possuírem uma propriedade de terra no nome. (PUNTEL et al, 2011, p. 16). Na figura abaixo estão o percentual das respostas que os autores da pesquisa receberam sobre esses problemas da vida no campo.

FIGURA 6: PROBLEMAS DA VIDA NO CAMPO

Fonte: <https://www.google.com.br/search?q=problemas+da+vida+no+campo> Acesso em: 03 nov. 2016.

Para Redin et al (2013) quando discutem a “juventude rural e novas formas de sociabilidade mediadas pelas TICS (Tecnologias de Informação e Comunicação)”, os jovens tem abandonado o campo em direção aos centros urbanos para buscarem estudo e/ou emprego com salário fixo e todos os direitos de férias, folgas semanais, e previdência social respeitados, direitos esses que na área rural não se tem assegurado. O que deixa os autores e toda a população residente na área rural preocupados é que esse êxodo dos jovens está provocando uma séria ameaça a sucessão familiar no campo e com isso um provável esvaziamento da área rural em um futuro não tão distante.

Finalizando o primeiro capítulo do trabalho temos presente de que sempre que formos estudar o êxodo rural da juventude precisamos primeiramente entender que o êxodo é um processo que sempre existiu e sempre ira existir, porém o problema é quando esse processo é cada vez mais acelerado e desgovernado como vem acontecendo em nosso país, além das previsões de um futuro não muito distante em que a área rural do Brasil estará totalmente desagregada.

No próximo capítulo iremos trazer a questão do êxodo rural no território do estado de Santa Catarina, mais pontualmente olhando para a região Oeste e grande Oeste do estado, além do ponto em que iremos focar a nossa pesquisa.

3. ÊXODO RURAL E JUVENTUDE NO OESTE CATARINENSE

Nesse capítulo iremos apresentar sobre a história e o êxodo rural que acontece na região Oeste do estado de Santa Catarina. Após esse breve relato apresentaremos o município de Caxambu do Sul-SC nesse aspecto da história e êxodo rural. Na última seção apresentaremos a história e o êxodo rural que vem atingindo as comunidades de Cecon, São Félix e Volta Grande focos geográficos dessa pesquisa.

3.1. ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE NO OESTE CATARINENSE

O êxodo rural da juventude no Oeste Catarinense vem sofrendo aumento significativo como em todo o país. Com isso apresentamos nessa parte um pouco sobre a história dessa região bem como as estatísticas desse êxodo. Antes de apresentarmos o êxodo rural da juventude do oeste catarinense, apresentaremos um pouco de como a região Oeste é dividida.

Conforme Silva et al, (2003, p. 14) a mesorregião Oeste Catarinense possui uma área de 27.303,5 mil km². Possui como fronteiras a oeste Argentina, ao sul o estado do Rio Grande do Sul, ao norte o estado de Paraná, e a leste as mesorregiões Norte e Serrana catarinense. A mesorregião Oeste é constituída por 5 microrregiões: Concórdia, Chapecó, Joaçaba, São Miguel do Oeste e Xanxerê. No total a mesorregião compreende 116 municípios.

No que diz respeito a economia a região Oeste,

está diretamente relacionada ao setor primário, particularmente o agropecuário. Caracterizou-se pela predominância de pequenas unidades familiares de produção agrícola diversificada. A mesorregião Oeste tem sua economia sustentada basicamente pela atividade agrícola e pela transformação dos seus produtos, conferindo-lhe um alto grau de dependência econômica do setor agropecuário. A agropecuária regional tem grande importância também para o estado, já que mais da metade do valor global da produção primária estadual é gerada nessa região, (SILVA et al, 2003, p.17).

Na contagem populacional da mesorregião oeste realizada pelo IBGE no ano 1996 (apud Silva, 2003, p.30) a população rural representava 43,7% do total da mesorregião. Enquanto isso a população rural do Estado possui um total de 26,9% e a do Brasil 21,6%. Já no ano 2000 podemos observar uma diminuição de cerca de 15% na mesorregião Oeste, ao passo em que no Estado esta diminuição foi de 21% e no Brasil 13,5% da população jovem rural.

Conforme Costa; Fiuza; Diola (2007), para os extensionistas da Epagri (Empresa de Pesquisa e Extensão Rural de Santa Catarina), o êxodo rural é resultado da panorâmica econômica mundial que exclui inúmeros agricultores e filhos no Oeste Catarinense. Na mesma linha, Badalotti et al, (2007, p. 1) apresentam que na região Oeste bem como em todo o Brasil o êxodo rural da juventude é muito forte e que os jovens saem do campo em virtude do pouco investimento econômico, cultural, social e a escassez de políticas para a permanência no campo. Para as autoras a problemática da juventude rural precisa ser sistematizada e organizada para que se possa assim possibilitar o desenvolvimento econômico e sustentável para a agricultura familiar e para o jovem rural. (BADALOTTI et al, 2007).

Conforme Aguiar (2006, p. 25), a maior parte dos agricultores familiares da região Oeste são identificados como “colonos”, advindos de famílias italianas e alemães que vieram do Estado do Rio Grande do Sul. Badalotti et al (2007, p. 4) afirmam que o Oeste catarinense possui particularidades que vem desde o processo de colonização e que culminaram com um sistema econômico e político diferenciado, onde a economia esteve inicialmente estruturada na pequena produção familiar agrícola, a qual sustentou o surgimento das atividades comerciais e industriais que caracterizam a região até os dias atuais.

Conforme Mello (2006, p.2) as pesquisas que foram realizadas na região oeste destacaram que a agricultura familiar vem passando por uma crise, evidenciada pelas transformações sociais e econômicas, que refletem na migração rural, principalmente dos mais jovens. Essa migração é percebida principalmente no despovoamento de muitas localidades e também no envelhecimento da população.

Para Mello (2006, p. 5) o período que compreende os anos de 1991 e 2001 tiveram uma evolução negativa da população rural da região oeste, apresentando

assim uma diminuição de cerca de 102 mil pessoas. Com isso, o autor apresenta que o êxodo expressivo da população rural, principalmente dos jovens, coloca em risco a continuidade de muitas unidades e a dinamização do espaço rural e de toda a região.

O êxodo rural da juventude no oeste catarinense é percebido principalmente em relação as moças numa proporção muito maior que de rapazes. Nesse aspecto Bourdieu (2006, p. 6) afirma que as mulheres são muito mais aptas e dispostas para adotar os modelos do urbano do que os homens. Visto que para elas a cidade representa a esperança da emancipação. Silvestro et al (apud Mello, 2006, p. 11) vai na mesma linha de pensamento quando constata que numa amostra de 116 famílias, continham 176 jovens que saíram da propriedade paterna e dessa proporção 103 eram moças e 73 rapazes.

Ainda no ano de 1999 a Epagri/Icepa realizou uma pesquisa com jovens solteiros com idade até 40 anos, em 20 municípios que possuem a agricultura familiar como renda representativa no Oeste de Santa Catarina. A resposta obtida por eles originou o quadro abaixo que Mello (2006, p. 11) elaborou.

FIGURA 7: DISTRIBUIÇÃO DA POPULAÇÃO RURAL SOLTEIRA POR SEXO E FAIXA ETÁRIA EM 20 MUNICÍPIOS REPRESENTATIVOS DA AGRICULTURA FAMILIAR DO OESTE DE SANTA CATARINA

IDADE (ANOS)	HOMENS (%)	MULHERES (%)	RELAÇÃO HOMENS/ MULHERES (%)	NÚMERO DE PESSOAS
Menos de 10	50,7	49,3	2,70	11724
10 a 14	51,7	48,3	6,89	7835
15 a 19	55,4	44,6	24,24	6530
20 a 24	60,9	39,1	55,69	3705
25 a 29	64,8	35,2	84,10	2662
30 a 34	63,6	36,4	74,96	1856
35 a 40	59,7	40,3	48,02	1188
Total Geral %	54,9	45,1	21,6	-
Número de Pessoas	19477	16023	-	35500

Fonte: Mello (2006, p. 12).

Conforme aponta o quadro dos 35.500 jovens da área rural, 19.477 (54,9%) eram homens e 16.023 (45,1%) mulheres. Em conformidade com a pesquisa percebemos que quanto mais diminui a idade, mais reduz o número de mulheres. Por exemplo, no quadro de 25 a 29 anos possui 84,10% a mais de homens do que mulheres na área rural, ou seja, para cada 100 mulheres há 184 homens vivendo no espaço rural. Com isso, voltamos a questão do celibato no campo apresentado no capítulo anterior, quando analisamos que os jovens que vêm deixando o campo são na sua maioria mulheres, que não pensam mais em voltar para o campo, pois conseguem na sua grande maioria se estabilizar na área urbana em um pequeno espaço de tempo.

A região Oeste é um campo vasto de pesquisa sobre o rural como um todo. Com essas pesquisas na área rural percebemos que a juventude está contemplada nesse campo pois essas pesquisas tratam da sucessão, migração, desenvolvimento entre outros aspectos da área rural que envolvem a juventude.

No próximo tópico apresentaremos especificamente sobre o município de Caxambu do Sul na região oeste catarinense, local central dessa pesquisa.

3.2. BREVE HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE CAXAMBU DO SUL-SC E O ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE

Nesse ponto retrataremos o município de Caxambu do Sul, a sua história geral bem como a história da juventude, e o êxodo dessa juventude que por motivos apresentados mais adiante deixaram essa pequena e pacata cidade.

O município de Caxambu do Sul está localizado na região Oeste de Santa Catarina. Ao Norte faz divisa com o município de Planalto Alegre, ao Sul com o estado do Rio Grande do Sul por meio do rio Uruguai, ao Leste com o município de Guatambu e ao Oeste com o município de Águas de Chapecó.

Conforme Minetto (1986) inicialmente Caxambu do Sul pertencia ao município de Palmas (Paraná). No dia 25 de abril de 1919 se tornou distrito da cidade de Chapecó- SC. Finalmente no dia 14 de dezembro de 1962 teve sua emancipação política administrativa assinada. De acordo com a autora (1986, p. 5) Caxambu tem origem em duas línguas a africana e a indígena. Na africana significa “tambor que executa música”, no indígena significa “mato que vê riacho”.

Nesse aspecto do mato e riacho na perspectiva de índios e caboclos, lembramos que nessa região acontece a extração da erva mate por parte dos últimos. Não obstante, para Renk (2000), porém, os colonos de origem se opunham a identidade de brasileiros/caboclos, pois, para eles a construção da identidade é relacional e principalmente no Oeste Catarinense, é remetida ao processo de colonização das décadas de 30 e 40 pelos colonos de origem e assim excluindo o campesinato brasileiro.

As primeiras famílias chegaram no município de Caxambu do Sul no ano de 1893. Esses primeiros habitantes foram Botelho Pinto, Maria Antônia da Conceição, Manuel Fidêncio do Amaral e suas respectivas esposas e esposo e famílias Padilha, Felles, Landi da Cruz, Lajus, e Joaquim Elias de Castro. Esse último foi o responsável pelo batismo das novas terras com uma cruz de água benta no chão. Foi ele também o responsável por dar nome ao local, ao qual decidiu pôr o nome de sua fazenda que deixara no estado vizinho do Rio Grande

do Sul “Fazenda Caxambu”, passando assim a partir daquele momento a nova terra se chamar “Caxambu”.

Minetto (1986, p. 5) apresenta que os primeiros colonizadores se instalaram próximos do rio Uruguai, onde hoje é o lago da barragem da Usina Hidrelétrica Foz do Chapecó e as comunidades de Linha Laranjeira, Lajeado Bonito, Loureiro e Humaitá.

O relevo do município é predominantemente de planaltos com média de 200 metros acima do nível do mar. O clima é subtropical onde no início as quatro estações eram bem distintas, segundo moradores da cidade, após a construção da hidrelétrica Foz do Chapecó, a qual sua represa atinge o município, as estações não estão mais específicas, durante o dia faz muito calor e as noites a temperatura cai, muitas vezes com neblina acima do normal para muitas estações.

No que diz respeito às primeiras residências, Aderbal¹, filho de um dos primeiros colonizadores, me relatou que,

as casas eram de madeiras de pranchas lascadas e aplainadas com “escaiarol”, e cobertas de tabuinhas sem pregos, onde eram furadas e atadas com cipó imbé. A cozinha era separada da casa para não sujar, entre a casa e a cozinha tinha um corredor com área, as casas eram grandes (12X16) com três andar. Nessas casas moravam os pais, filhos, genros e noras e netos. Eram em torno de 15 a 16 pessoas por família. Era muito bonito de se ver, as pessoas faziam as estradas com picareta e enxada para poder chegar até a residência e a lavoura. (entrevista realizada pela autora).

Na agricultura conforme o entrevistado, era tudo a “muque”, a plantação era feita com máquina “saraquá” (manual), a limpeza era feita com enxada e arado puxado por bois ou burros. Na hora da colheita se reuniam os vizinhos para fazer os chamados “puxirões” aonde colhiam e limpavam os produtos sempre à mão. A venda era realizada no estado vizinho, porque em Santa Catarina não havia comércio.

Segundo dados do estudo Oeste Catarinense/PTDRS do SDT/MDA, o município de Caxambu do Sul possuía em 2000 um percentual de 61% de sua

¹ Todos os nomes apresentados são fictícios e as entrevistas estão armazenadas com a autora da pesquisa para eventual conferência.

3.3. ÊXODO RURAL DA JUVENTUDE E HISTÓRIA DAS COMUNIDADES CECON, SÃO FÉLIX E VOLTA GRANDE NO MUNICÍPIO DE CAXAMBU DO SUL-SC

Nessa seção iremos apresentar a história das comunidades Cecon, São Félix e Volta Grande, como foi sua criação, quais foram os primeiros moradores, e como ficou a vida da população, principalmente dos jovens dessa comunidade, após a vinda da Barragem Foz do Chapecó.

Conforme acervo histórico da secretaria paroquial da Paróquia São Jerônimo de Caxambu do Sul-SC (ACERVO HISTÓRICO PARÓQUIA SÃO JERÔNIMO, maio de 2016), o qual foi montado por ocasião de seu jubileu de 60 anos de caminhada, as comunidades reuniram os moradores mais antigos das localidades para escreverem a história das respectivas comunidades.²

A história que a comunidade Cecon apresentou a paróquia (ACERVO HISTÓRICO PARÓQUIA SÃO JERÔNIMO, maio de 2016), da conta de que os primeiros colonizadores italianos chegaram no ano de 1938, construindo suas residências e arrumando os lugares para poderem realizar as plantações para sobrevivência. As primeiras famílias a chegar na localidade foram as de Ângelo Cecon, Dórico Cecon, Luís Cecon, André Mucelini, Valentim Agustini e Carmelindo Comim.

Com o passar do tempo vieram mais famílias para a comunidade. Com essas famílias a mais e alguns filhos dos primeiros moradores tendo casados e constituído novas famílias a comunidade cresceu e no ano de 1976 se desmembrou da comunidade vizinha São Félix (existente até hoje).

A comunidade de Linha Cecon foi iniciada com aproximadamente 35 famílias. Hoje a comunidade após a vinda da Barragem Foz do Chapecó conta com aproximadamente 50 famílias (ACERVO HISTÓRICO PARÓQUIA SÃO JERÔNIMO, maio de 2016).

Passamos agora a contar a história da comunidade São Félix, comunidade da qual se desmembraram várias outras comunidades.

²Essas histórias estão guardadas no acervo histórico da secretaria paroquial.

A comunidade São Félix recebeu seus primeiros imigrantes, na sua maioria descendentes italianos, vindos da cidade de Soledade no Rio Grande do Sul por volta de 1937. Os italianos que vieram para a localidade foram Ângelo Ceccon, Luís Ceccon, e Vitório Marangoni. Depois de algum tempo vieram para a comunidade Andrea João Mucelini e mais tarde Giacomo Marangoni, Nazário Celso Mucelini e Dórico Cecon. Durante os anos de 1937 a 1944 mais pessoas fixaram residência no local.

Quando esses imigrantes chegaram a comunidade, já haviam famílias de caboclos como os Carvalho, Pedroso e Veloso. Essas famílias viviam da caça, pesca, pequena agricultura para sobrevivência, além do corte de erva mate.

Segundo registro no livro de batizados da paróquia no dia 25 de outubro de 1944 as famílias então fundaram a comunidade católica sob o nome de Linha Marangoni. Nessa época residiam ali 12 famílias, que segundo os próprios, participavam e viviam muito feliz, por essa razão trocaram o nome para Linha Feliz. Porém como medidores de terra disseram que já havia uma comunidade com esse nome, a população resolveu colocar o nome de Linha Félix que mais adianta se tornou Linha São Félix.

Os imigrantes italianos que vieram para a comunidade não eram foragidos da revolução que acontecia no estado vizinho. Já em relação aos caboclos que viviam as margens do lajeado Dom José a comunidade não possui informações de o porquê vieram para a região. O que se sabe apenas é que esses caboclos eram ervateiros e mais tarde madeireiros.³

Ainda conforme o relato dos moradores, existia um corredor que atravessava as terras da comunidade até o rio Uruguai onde era feito o transporte das madeiras pelas balsas que seguiam para a Argentina e Uruguai. Só era possível realizar o transporte quando havia enchentes.

Segundo moradores no ano de 1956 a comunidade contava com 80 famílias. Com o passar do tempo a comunidade contava com mais de 100 famílias. Dessa comunidade se desmembraram mais três comunidades: Grêmio

³ No momento da realização do presente trabalho, não conseguimos encontrar nenhum caboclo que residiu ou possuía parentes residentes no início da comunidade para nos relatarem como foi a vinda deles para a localidade.

da Serraria, Ceccon e Sanga Rosa. São Félix continua existindo até os dias de hoje. A comunidade Sanga Rosa com a vinda da barragem Foz do Chapecó, foi totalmente extinta, pois foi totalmente inundada pelo lago da barragem.

As mulheres da comunidade São Félix, sentiram a necessidade de começar a se encontrar e com isso, no ano de 1983 criaram o Clube de Mães.

No ano de 2010 com o enchimento do lago da barragem Foz do Chapecó, uma família foi embora da comunidade São Félix e três (03) famílias de comunidades vizinhas foram morar na localidade.

Conforme os moradores da comunidade o êxodo rural da juventude continua na comunidade, pois os jovens que terminam o ensino médio saem da área rural indo embora para a cidade em busca de emprego e estudos.

A comunidade conta hoje com 45 famílias, e cerca de 100 pessoas, sendo que no seu auge a comunidade contava com 100 famílias. Isso significa que a comunidade não chega a ter três pessoas por família. Trazendo à tona a questão do envelhecimento populacional e o êxodo rural dessa comunidade.

Concluimos nesse levantamento realizado no capítulo dois que o êxodo rural é muito significativo em toda a região Oeste de Santa Catarina. Além do êxodo percebemos o envelhecimento populacional das comunidades e também de municípios pequenos como é o caso de Caxambu do Sul.

Com relação a comunidade Volta Grande, os moradores dessa localidade apresentaram a Paróquia São Jerônimo (ACERVO HISTÓRICO PARÓQUIA SÃO JERÔNIMO, maio de 2016), que as primeiras famílias que residiram na localidade foram as famílias de Juca Pavão, Jobe Neto, João Choxo, André Niquelangelo, Zequina Fagundes, Vitor da Maia Pavão, Carlos Rorbek, Liduino Maidana e Raimundo Cherneck. Essas famílias vieram se instalar nessa comunidade por volta de 1939 e deram a localidade o nome de Volta Grande pois o Rio Uruguai dava uma volta grande em torno da comunidade, podendo assim em alguns pontos visualizar o Rio nos dois lados da estrada.

As famílias compravam as terras a troco de cavalo e as estradas eram abertas a facão, foice, machado, com bois. Todas as famílias mandavam pelo menos uma pessoa para ajudar no serviço, sendo que essa pessoa precisava

aguentar 6 dias no serviço. Além, disso era escolhido um capataz para fiscalizar os serviços.

As casas eram feitas de madeira lascada, com pranchas e no lugar das telhas eram usadas tabuinhas. Essas madeiras eram feitas sempre a mão pelos trabalhadores.

Conforme dados da Paróquia São Jerônimo (ACERVO HISTÓRICO PARÓQUIA SÃO JERÔNIMO, maio de 2016) a comunidade de Volta Grande possui hoje 30 famílias residindo na comunidade⁴.

No próximo capítulo iremos adentrar na pesquisa propriamente dito, com depoimentos e entrevistas dos jovens que saíram das comunidades Cecon, São Félix e Volta Grande, entre os anos de 2000 a 2010 e seus pais. Além de dados fornecidos pela Hidrelétrica.

⁴ Não conseguimos precisar com nenhum dos moradores da comunidade qual era o real número de famílias residentes no início da comunidade, mas algumas pessoas falam em torno de 10 a 15 famílias.

4. ANÁLISE DA PESQUISA

Neste nosso último capítulo entraremos na percepção do que leva a juventude sair do meio rural. Entre alguns dos motivos temos presente como uma particularidade da região Oeste do Estado as hidrelétricas construídas no Rio Uruguai. Dentre essas hidrelétricas está a Foz do Chapecó em que seu lago atinge o município de Caxambu do Sul. Apresentaremos também para onde esses jovens que saíram da área rural se dirigiram.

4.1. UM MOVIMENTO POPULACIONAL NORMAL

Nesse ponto apresentamos que o movimento de emigração dos jovens da área rural para a área urbana é normal, sempre aconteceu e irá continuar a acontecer. Olharemos mais especificamente nesse subcapítulo os dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), para o município de Caxambu do Sul-SC.

Na figura a seguir podemos perceber que no ano de 1991 o município de Caxambu do Sul possuía um total de 8.532 habitantes. Já no ano de 2010 esse total veio para 4.411 tendo uma evasão total de 4.121 habitantes de diversas faixas etárias. Essa evasão populacional do município foi na contramão da evolução populacional do estado e do país como um todo.

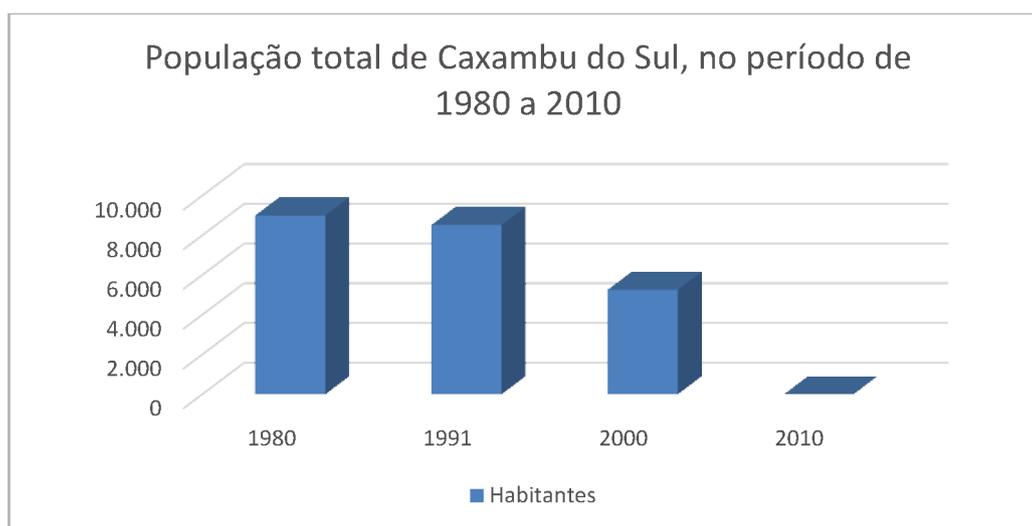
FIGURA 9: EVOLUÇÃO POPULACIONAL

Evolução Populacional			
Ano	Caxambu do Sul	Santa Catarina	Brasil
1991	8.532	4.541.994	146.825.475
1996	5.757	4.844.212	156.032.944
2000	5.263	5.356.360	169.799.170
2007	4.885	5.866.252	183.987.291
2010	4.411	6.248.436	190.755.799

Fonte: IBGE: Censo Demográfico 1991, Contagem Populacional 1996, Censo Demográfico 2000, Contagem Populacional 2007 e Censo Demográfico 2010; Acesso em: 03 nov. 2016.

Conforme dados apresentados pelo SEBRAE através de uma pesquisa realizada com dados do IBGE o município de Caxambu do Sul apresentou uma redução de 16,19% da população em relação com o ano de 2010 para o censo realizado pelo IBGE em 2000. O gráfico a seguir exemplifica esses dados do município em relação a sua evolução populacional nos últimos censos realizados. Podemos perceber a grande perda populacional que o município registrou do ano de 1980 quando tinha uma população de 9.009 habitantes e o ano de 2010 essa população veio para 4.411 habitantes. Tendo assim saído do município em 30 anos um total de 4.598 pessoas.

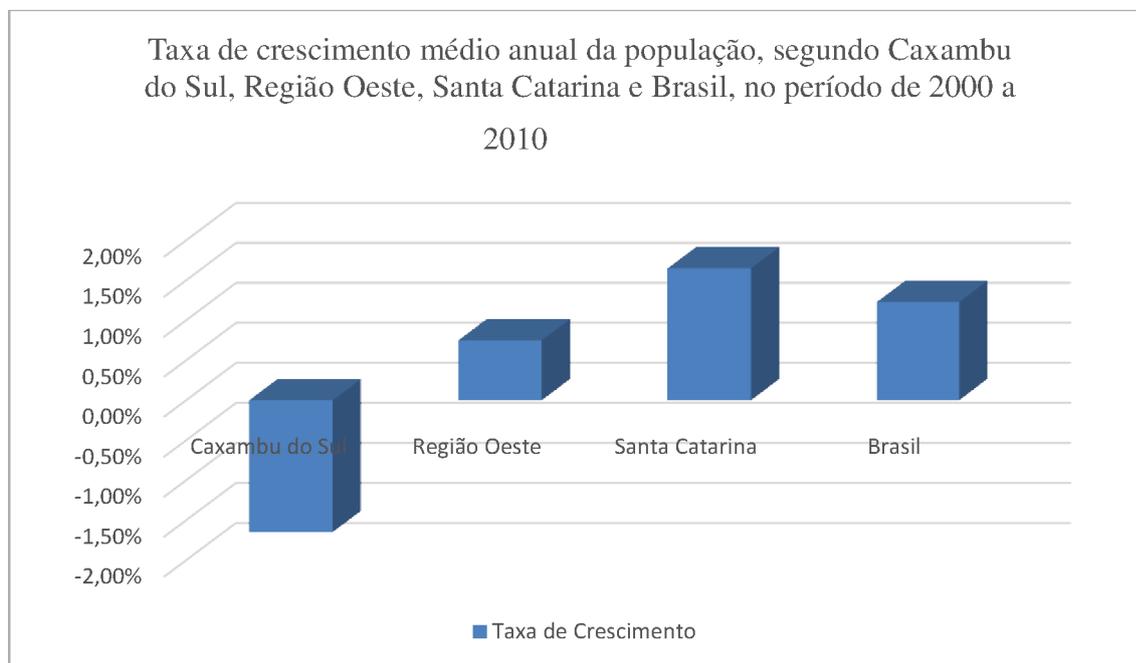
FIGURA 10: POPULAÇÃO TOTAL DE CAXAMBU DO SUL, NO PERÍODO DE 1980 A 2010



Fonte: IBGE, *Diretoria de Estatística, Geografia e Cartografia*, 2010. Acesso em: 14 nov. 2016.

Em comparação com a taxa média de crescimento populacional do município com a região Oeste, o Estado de Santa Catarina e o Brasil, o município de Caxambu do Sul teve um crescimento negativo de -1,65% em relação aos outros pontos analisados.

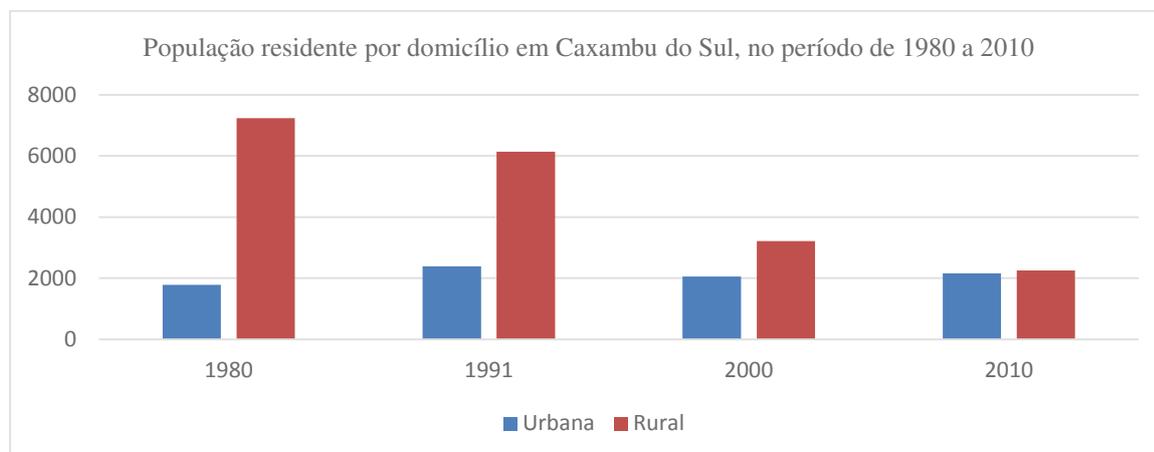
FIGURA 11: TAXA DE CRESCIMENTO MÉDIO ANUAL DA POPULAÇÃO, SEGUNDO CAXAMBU DO SUL, REGIÃO OESTE, SANTA CATARINA E BRASIL, NO PERÍODO DE 2000 A 2010



Fonte: Resultados elaborados pelo SEBRAE/SC com base em dados do IBGE - apoiados nos Censos. Acesso em: 14 nov. 2016.

No que diz respeito a população rural do município de Caxambu do Sul segundo os dados apresentados pelo IBGE, no ano de 1980 residiam na área rural 7.231 pessoas, enquanto a área urbana possuía apenas 1.778 pessoas. Já no ano de 2010 essa diferença caiu para 100 pessoas apenas, conforme podemos analisar no gráfico a seguir.

FIGURA 12: POPULAÇÃO RESIDENTE POR DOMICÍLIO EM CAXAMBU DO SUL, NO PERÍODO DE 1980 A 2010



Fonte: IBGE, Diretoria de Estatística, Geografia e Cartografia, 2010. Acesso em: 14 nov. 2016.

Em relação aos jovens de 10 a 29 anos, o município também assinalou uma queda de 2,78% em relação aos anos de 2000 e 2010, como podemos perceber no gráfico a seguir.

FIGURA 13: DISTRIBUIÇÃO RELATIVA DA FAIXA ETÁRIA DA POPULAÇÃO DE CAXAMBU DO SUL, EM 2000 E 2010

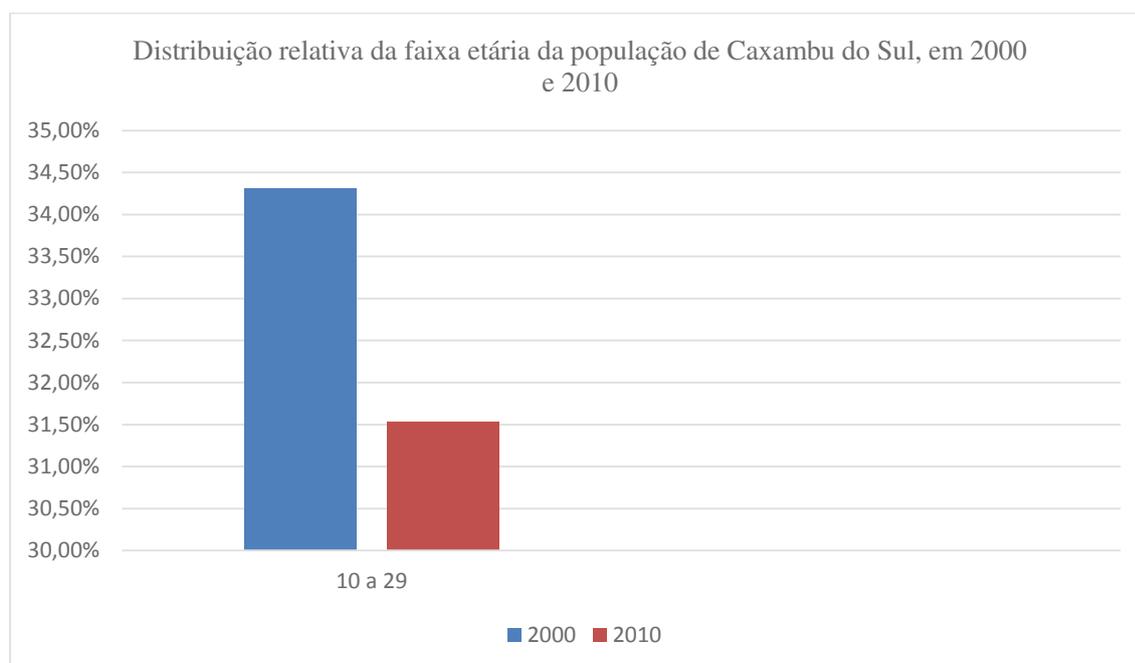


Figura 1: Resultados elaborados pela autora com base em dados do SEBRAE/SC e do IBGE, 2000 e 2010.

Após verificarmos esses dados junto ao Instituto do IBGE e o SEBRAE percebemos que o município de Caxambu do Sul-SC teve uma “queda” muito significativa em sua população como um todo seja na área urbana ou na rural. Com essa evasão populacional o município teve uma perda em sua arrecadação tributária afetando assim a agricultura da onde o município retira sua principal fonte de renda.

No próximo tópico apresentaremos a Hidrelétrica como sendo uma particularidade para esse êxodo rural, o qual acelerou alguns meses ou até anos a saída dessa população do município de Caxambu do Sul.

4.2. UMA HIDRELÉTRICA COMO PARTICULARIDADE

Nesta parte do trabalho adentramos no ponto chave da nossa hipótese para o êxodo rural da juventude nas comunidades de Linha Cecon, São Félix e Volta Grande. Nossa hipótese está afirmada que esse êxodo teve seu processo acelerado com a vinda da UHE Foz do Chapecó, cujo o lago da represa atingiu fortemente essas comunidades. Iremos apresentar nesse momento um pouco sobre a história da implantação dessa hidrelétrica segundo alguns pesquisadores como Rocha (2012; 2015), Hass (2013), Henk (2014).

Segundo documento da Aneel/Big de 2014 apud (PASE, ROCHA, 2015, p. 99), a hidroeletricidade hoje corresponde a cerca de 85% de toda a energia elétrica consumida no Brasil. No país as usinas hidrelétricas de energia (UHE) somam 196 empreendimentos.

Conforme Renk e Wincler (2014, p.8) a UHE Foz do Chapecó consumiu um total de R\$ 2,64 bilhões de recursos, sendo umas das principais obras do Plano de Aceleração do Crescimento (PAC) do governo federal. Um dos principais investidores da fonte pública do empreendimento foi o Banco Nacional de Desenvolvimento (BNDES). A inauguração da obra aconteceu no dia 30 de dezembro de 2010, data em que foi colocada em funcionamento a terceira de quatro unidades geradoras. A última unidade entrou em funcionamento somente em março de 2011.

Esse empreendimento da Foz do Chapecó está localizado entre os estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, o qual afetou 13 municípios nos dois estados, sendo no lado de Santa Catarina: Águas de Chapecó, Caxambu do Sul, Guatambu, Chapecó, Paial e Itá. Do lado do Rio Grande do Sul: Alpestre, Rio do Índios, Nonoai, Faxinalzinho, Erval Grande, Itatiba do Sul e Barra do Rio Azul. Ao todo a barragem atingiu 2.503 famílias, porém o Movimento dos Atingidos pelas Barragens (MAB) contabilizaram mais 300 famílias que não foram reconhecidas através dos critérios da empresa. (LOCATELLI, 2011, apud AMPOLINI, HASS, VARGAS, 2013, p.151).

Conforme Baron (2012, apud AMPOLINI, HASS, VARGAS, 2013) a Foz do Chapecó Energia foi a responsável pela construção da UHE Foz do Chapecó. Ainda segundo o autor a empresa precisou modificar sua estrutura societária no ano de 2007 por exigência do BNDES. Com a modificação a empresa deixou de ser um consórcio e se tornou uma sociedade com um propósito específico, a empresa ficou formada pela Companhia Paulista de Força e Luz (CPFL) com 51% das ações, Furnas Centrais Elétricas com 40% das ações e a Companhia Estadual de Geração e Transmissão de Energia Elétrica (CEEEGT) com 9% das ações.

No ano de 2002 foi liberada pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA) a licença prévia para o início da construção da obra. Já a primeira licença de instalação foi liberada em 2004 e renovada em 2006. Em 2007 a Agência Nacional de Energia Elétrica (ANEEL) liberou a concessão de construção do empreendimento para 35 anos. E após vários recursos judiciais o IBAMA concede em agosto de 2010 a licença de operação hidrelétrica com validade de 4 anos. (AMPOLINI, HASS, VARGAS, 2013, p. 153).

Após todas essas liberações e recursos judiciais terem sido oficializados pela União a UHE Foz do Chapecó foi construída,

no rio Uruguai, aproximadamente a 6,5 Km à montante da afluição do rio Chapecó, que divide os municípios catarinenses de São Carlos e Águas de Chapecó. O eixo da usina localiza-se entre os municípios de Alpestre (RS) e Águas de Chapecó (SC), ficando a Casa de Força no lado gaúcho. A formação do reservatório prevê uma área inundada de aproximadamente 79,2 Km², que em nível máximo normal tem previsão

de alcançar 265 metros do nível do mar. Este reservatório é contido por uma barragem de 48 m de altura chegando a 598 m de extensão, composta de 15 comportas de 18,70m x 20,60m de largura que servem de vertedouro. A água passa por 2 túneis medindo cada um 18 m x 18,15 m de largura e 357 m de comprimento, que, localizados na margem esquerda fazem a adução da água até as quatro unidades geradoras (Turbinas tipo Francis – eixo vertical –, com 214 MW cada uma) que juntas somam a potência de 855 MW. (ROCHA, 2012, p. 108)

Ainda conforme Rocha (2012, p. 109) a UHE Foz do Chapecó compõe o Sistema Interligado Nacional (SIN) através de uma Linha de Transmissão chamada Guarita-Foz do Chapecó-Xanxerê, a qual é composta de duas partes. Uma das partes é a Linha de Transmissão da Subestação Guarita até a UHE Foz do Chapecó por meio de circuito simples com potência de 230 KV e 76,1 km de extensão. Já a outra parte, a Linha de Transmissão UHE Foz do Chapecó-Xanxerê tem a função de interligar a UHE até a subestação de Xanxerê por meio de um circuito duplo com potência de 230 KV e 77,2 km de extensão.

Rocha (2012, p.251) apresenta que conforme dados do Cadastro Socioeconômico, o qual foi concluído em outubro de 1999 e revisado em julho de 2002 pelo empreendedor, seriam atingidas parcial ou totalmente 1.516 propriedades, sendo que desse total seriam 676 no Estado de Santa Catarina e 840 no Rio Grande do Sul. No município de Caxambu do Sul foram atingidas 227 propriedades sendo 409 famílias.

No próximo tópico iremos apresentar para onde foram essas famílias atingidas, se foram toda a família ou só os jovens, como foi o processo do êxodo rural nessa localidade. Iremos trabalhar nesse tópico através de conversas com os jovens que saíram dessas comunidades, e também com os pais desses jovens que ainda residem nas comunidades.

4.3. DA BARRANCA PARA A PERIFERIA (CIDADE)

Nesse ponto iremos trazer entrevistas que nos apresentam qual foi o real motivo da saída dos jovens do meio rural, e onde eles residem atualmente. Essas entrevistas foram realizadas com os jovens e também com alguns pais que ainda residem nas comunidades em questão. Todos os entrevistados assinaram termo

de consentimento livre e esclarecido, os mesmos estarão de posse da orientanda desse trabalho para possível consulta.

Quando indagamos a jovem Lola sobre qual foi o motivo da sua saída da casa de seus pais recebemos como resposta que a saída se deu basicamente pela busca de melhores condições de vida e principalmente de trabalho e estudo. Essa resposta ouvimos de praticamente todos os jovens entrevistados, trazendo presente que o principal motivo de saída desses jovens do meio rural se deu pela procura de estudo e emprego remunerado mensalmente.

No que diz respeito a vinda do lago da barragem da UHE Foz do Chapecó para o município, atingindo principalmente as comunidades da Cecon, São Félix e Volta Grande. Perguntamos para os jovens se eles acham que se esse “empreendimento” não tivesse atingido a propriedade de seus pais eles ainda estariam residindo no interior. Cerca de 90% dos jovens entrevistados nos disseram que não, mesmo que a barragem não tivesse atingido a propriedade de seus pais eles não estariam morando com eles, pois a grande maioria das propriedades dessas comunidades é pequena (cerca de 10-20 hectares) e isso dificulta muito a independência financeira dos jovens, bem como o trabalho pesado e braçal desestimula a juventude a permanecer na área rural. A fala da jovem Atanasia corrobora essa informação, segundo ela, “a vida no meio rural estava se tornando cada vez mais difícil e com isso a vontade de buscar algo novo aumentava”.

A última questão realizada para os jovens foi de como eles observam o êxodo rural dos jovens na comunidade onde residiam. Para Lola essa questão é um grande problema pois cada vez menos os jovens querem ficar na agricultura e isso é visto pela jovem como um desafio para os governantes do município, e afirma ainda que até hoje os próprios governantes não fizeram nada para mudar essa realidade, não ofereceram cursos para que a educação chegasse a todos os jovens e não incentivaram novas empresas para se instalarem no município a fim de empregar os jovens no setor privado fazendo assim com que eles permaneçam na propriedade dos pais, porém o que se viu até hoje é empregos somente no setor público do município.

Para os jovens Atanasia e Felisberto, bem como para a grande maioria dos jovens entrevistados, a saída dos jovens se dá pela falta de incentivo e apoio. Felisberto apresenta que o município de Caxambu do Sul como é um município que possui praticamente toda a sua renda advinda da agricultura, devia todo ano criar iniciativas, projetos, para assim incentivar os jovens a permanecerem na área rural. Porém, infelizmente não é o que acontece.

Após a conversa com os jovens sobre os motivos de sua saída da área rural resolvemos ir até a propriedade de alguns pais dos jovens entrevistados para sabermos o que eles pensam sobre a saída de seus filhos e o êxodo rural da juventude que vem atingindo o município.

Em conversa com o Senhor Atalibio pedimos se com a vinda do lago da barragem Foz do Chapecó para a região em que mora foi percebida alguma diminuição ou até mesmo aumento da população jovem. Ele muito serenamente nos responde que saíram bastante principalmente jovens, e hoje estão na comunidade praticamente uns 8 ou 9 jovens e antes da vinda da barragem possuía uns 25 jovens. Hoje alguns desses jovens na sua grande maioria residem na cidade de Chapecó.

Quando pedimos para Seu Atalibio se algum de seus filhos saíram de casa por causa da barragem ele nos respondeu que sim, os dois filhos saíram de casa e um deles saiu exatamente por causa da barragem,

“porque infelizmente ele tava inscrito e não foi indenizado nem com carta de crédito e concluiu a faculdade e foi para a cidade. Ia de casa até Caxambu de carro ou de moto, pegava o ônibus e ia pra faculdade e voltava, aí quando fomos atingidos e que foi negado os direitos dele, até tá na justiça sei lá, como que vai ficar até o fim, ele se obrigou a ir pra cidade, vai fazer o que né, ficamos com 9 hectare, nós tínhamos 17 hectare, 16,1 hectare mais 5 hectare que era metade minha, antes dava 21 hectare e fiquei só com 9 hectare. E foi negado os direitos do pai daí por isso que ele foi pra cidade.” (Entrevista realizada pela autora)

Entrevistando outros moradores das comunidades Cecon, São Félix e Volta Grande que tiveram a saída de familiares jovens da propriedade percebemos que as falas convergem para a ideia de que, os jovens saíram basicamente por dois motivos. Um deles é sim a vinda do lago da UHE Foz do Chapecó que atingiu

várias propriedades como nos relatou o senhor Amadeu “quando se falou que iria vir a barragem ficamos muito inseguros, pois uns diziam uma altura e outros outra, então os filhos resolveram sair da agricultura e tentar emprego na cidade de Chapecó”. O outro motivo e que pelo o que pudemos notar nas entrevistas tanto com os jovens quanto com seus pais a saída desses jovens do meio rural tem a ver com o poder público municipal não incentivar os jovens a permanecerem na agricultura, Gerundina nos diz que “eles (prefeitura) não fazem nada, a gente precisa pedir várias vezes para fazerem alguma coisa tipo cascalhamento das estradas, buraco de silagem e eles não vem fazer, assim não tem como os filhos permanecerem na agricultura, não tem incentivo.”

Ao realizarmos essas entrevistas ficou claro para nós que na sua grande maioria os jovens saíram do interior do município de Caxambu do Sul por não terem incentivos para permanecerem na agricultura. Sendo assim, preferiram ir morar distantes de seus pais e família, a grande maioria residindo na cidade de Chapecó. E foram para lá a procura de emprego nas grandes empresas e agroindústrias, além é claro de poderem fazer uma boa faculdade.

Com todos esses pontos apresentados pelos jovens e seus pais resolvemos ouvir também a administração pública (prefeito e secretário de agricultura do ano de 2016) sobre quais os apontamentos, estratégias e incentivos eles possuem para que os jovens permanecessem no município. O secretário de agricultura relatou que não há “nada específico para o jovem, tem para a família com os blocos de produção, e a capacitação quando ocorre geralmente não tem gente o suficiente para dar continuidade à capacitação”. O prefeito relatou que os incentivos estavam dentro do alcance de recursos e das leis vigentes, mas em momento algum respondeu quais eram esses incentivos.

Com essa pesquisa podemos perceber que se um município que possui sua renda e sustento quase que praticamente toda da agricultura, como é o caso de Caxambu do Sul, não incentiva seus agricultores através de recursos e serviços necessários para um bom funcionamento dessa área, acaba se tornando um município adulto em transição para a terceira idade, visto que a juventude não quer mais permanecer na agricultura. Somado a isso, o advento de uma hidrelétrica serve como acelerador do processo de êxodo rural, neste caso, principalmente entre os jovens.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos afirmar que essa pesquisa está concluída, por ora. No decorrer do desenvolvimento novas questões e modificações de nossa primeira hipótese foram surgindo, mas conseguimos nos manter firmes ao nosso objetivo inicial tendo em mente a necessidade de articular e organizar, quando oportuno, essas outras questões.

Contudo, percebemos que mesmo com as mudanças que vem ocorrendo na agricultura familiar ao longo dos anos para melhorar a condição de vida e trabalho da população, esse ainda é um dos setores mais preocupantes e merecedores de uma profunda reflexão.

Sabemos com isso que o êxodo rural possui muitos efeitos e esses em sua maioria são negativos para a sociedade. Podemos destacar alguns efeitos que servem de ponto de partida para muitos jovens decidirem sair da área rural:

- Aceleração da urbanização, que ocorreu nas grandes metrópoles em busca de maiores atividades econômica e industrial.
- Expansão sem estudos de habitações irregulares em grande parte do país.
- Aumento do desemprego e do emprego informal, visto que o êxodo rural, acompanhado do crescimento das cidades, ajudou para que houvesse uma maior precarização das condições de vida dos trabalhadores, elevando assim a taxa de desemprego;

Porém, para acontecer os efeitos é preciso existir uma causa. Para tanto citamos agora algumas das principais causas que incentivam o êxodo rural:

- Concentração da produção do campo, nas mãos de quem tem mais verba financeira para comprar as terras, como no caso de Caxambu do Sul, onde os pequenos produtores acabam vendendo suas propriedades para quem tem mais condições de permanecer na agricultura.
- Mecanização do campo, fazendo assim com que não se precise tanta mão de obra nas propriedades.
- Fatores mais atrativos nas cidades, como mais empregos, férias anualmente, décimo terceiro....

-Falta de incentivo por parte das administrações públicas, como podemos perceber na fala do prefeito e do secretário da agricultura do município quando nos falam de que não há incentivos definidos para a juventude.

-Pequenas propriedades sendo atingidas por empreendimentos hidrelétricos, como o caso do município em questão.

Com isso podemos perceber que com todas essas causas e fatores fica difícil conseguirmos tirar da cabeça dos nossos jovens esse ideal de ir em busca do novo, de uma vida nova.

O êxodo rural apresenta pontos altos e baixos desde a colonização brasileira e isso passou de pai para filho como um “costume”, tendo seu ponto mais alto em meados dos anos 50. Esse aspecto foi muito predominante na região Sul e Sudeste onde os pais vivem com esse dilema até hoje, pois eles estão envelhecendo, não conseguem mais realizar as tarefas da mesma forma e rapidez como antes e não possuem outra alternativa a não ser vender a propriedade para os grandes latifundiários. E onde esses pais vão morar quando vendem a propriedade? O único local que resta é a cidade e muitas vezes acabam se sujeitando a morar em pequenos barracos construídos de forma irregular nas barrancas de rios e morros.

No que se refere ao êxodo rural na região Oeste de Santa Catarina também percebemos que sempre existiu o êxodo, mas que de uns anos para cá esse movimento em acelerando e está longe de terminar. Na nossa região quando os pais vendem suas propriedades também não é diferente do que acontecia na década de 50 na região sudeste. Os pais acabam indo buscar alternativas de moradias nas cidades maiores como é o exemplo de Chapecó, São Miguel do Oeste em busca de emprego nos frigoríficos.

Quando pesquisamos e estudamos as comunidades Cecon, São Félix e Volta Grande no município de Caxambu do Sul-SC, percebemos que essas comunidades estão vivenciando um momento de grande perda com a saída de seus jovens que não conseguem visualizar futuro promissor na agricultura, visto que após as terras de grande maioria da população dessas comunidades serem atingidas pelo lago da barragem Foz do Chapecó, ficaram com propriedades muito pequenas e assim não conseguem produzir para o sustento de toda a família. Com isso os jovens acabam indo para outras cidades, como por exemplo,

para a cidade de Chapecó a procura de emprego, já que o município de Caxambu do Sul-SC possui apenas uma empresa de porte médio. Muitos jovens das comunidades do município de Caxambu do Sul-SC só terminam o segundo grau e já saem de casa para estudar e trabalhar na cidade “grande”.

Entre as principais empresas que os jovens saem para procurar emprego são os frigoríficos, lojas de departamentos, shoppings, postos de combustíveis. Na sua grande maioria, esses jovens não possuem faculdade ou cursos técnicos, pois passam a maior parte de seu tempo nas empresas e quando termina o horário estão cansados para irem às universidades e ficar a noite toda sentado escutando os professores.

Com essa pesquisa podemos perceber que as comunidades estudadas registraram um êxodo rural que acompanha a curva das realidades estadual e nacional que de certa maneira foi acelerada pelo advento da barragem. Ficou evidente que o que mais pesou na decisão desses jovens deixarem a agricultura e a residência de seus pais foi a falta de incentivos públicos e perspectivas para as famílias agricultoras, isto agregado à vinda da barragem que diminuiu as possibilidades de incremento da atividade.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Fábio L. de. **Juventudes de um Rural Catarinense: Trajetórias Cotidianas no Contexto da Agricultura Familiar**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/88634/232783.pdf?sequence=1> Acesso em 08 set. 2016.

AMPOLINI, Geverson; HASS, Monica; VARGAS, Myriam A.; **Conflitos sociais e consensos no processo de construção da usina hidrelétrica Foz do Chapecó**. In: Novos Cadernos NAEA. Vol. 16 nº 2, p. 149-168, dez 2013. Disponível em: <http://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/1246/1860> Acesso em: 14 nov. 2016.

BADALOTTI, Rosana M. et al. **Reprodução social da agricultura familiar e juventude rural no oeste catarinense**. In: **VII RAM - UFRGS, Porto Alegre, Brasil, 2007 - GT 01: Antropologia Económica y Ecológica**. Coordenação: Alejandro Balazote (UBA/UNLu, Argentina) e Maria José Reis (UFSC, Brasil). Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/Rosana_Badalotti_et_alli.pdf Acesso em 09 set. 2016.

BOURDIEU, Pierre. **O CAMPONÊS E SEU CORPO**. In. Revista Sociologia Política, Curitiba, 26, jun.2006. pg. 83-92. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rsocp/n26/a07n26.pdf> Acesso em 13 set. 2016.

BRUMER, Anitta. **As perspectivas dos jovens agricultores familiares no início do século XXI**. In: **juventude rural, cultura e mudança social**. Arlene Renk, Clovis Dorigon – (orgs), Chapecó: Argos, 2014.

CAMARANO, Ana A., ABRAMOVAY, Ricardo. **ÊXODO RURAL, ENVELHECIMENTO E MASCULINIZAÇÃO NO BRASIL: PANORAMA DOS ÚLTIMOS CINQUENTA ANOS**. In. Revista Brasileira Estudos Populacionais. Brasília. 15 de fevereiro de 1998. p. 45-65.

CAMPANHA DA FRATERNIDADE 2013. Disponível em: <http://pipoa.org/pj/images/cf%202013%20juventude.pdf> Acesso em 21 jul. 2016.

COSTA, A. S.; FIÚZA, A. L.; DIOLA, V. **Uma forma alternativa de transição da agricultura familiar e sucessão das propriedades no Extremo Oeste Catarinense**. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 31. 2007, Caxambu. Anais. Caxambu-MG: ANPOCS 2007. pg. 1-17.

FOGUESATTO, C. R.; MACHADO, J. A. D. **A tomada de decisão dos jovens no processo migratório rural urbano no Brasil: panorama entre 1970 e 2010.**

Enciclopédia Biosfera- Centro Científico Conhecer- Goiânia, v. 11 n. 21; p. 2793-2808. 2015. Disponível em:

<<http://www.conhecer.org.br/enciclop/2015b/multidisciplinar/a%20tomada%20de%20decisao.pdf>> Acesso em 03 set. 2016.

IBGE. **Urbanização Brasileira.** Disponível em:

<<http://slideplayer.com.br/slide/1223191/>> Acesso em 02 ago. 2016.

IBGE. **Percentual de população urbana e rural entre 1940 e 2010.** Disponível

em: <<http://crv.sistti.com.br/>> Acesso em 28 jul. 2016.

IBGE. **Infográficos: evolução populacional e pirâmide etária.** Disponível em:

<<http://www.cidades.ibge.gov.br/painel/populacao.php?lang=&codmun=420410&search=%7Ccaxambu-do-sul>> Acesso em 03 nov. 2016.

KUMMER, R.; COLOGNESE, S. A. **Juventude rural no Brasil: entre ficar e partir.** Tempo da Ciência, v. 20 n.39 1º semestre 2013; p. 201-220. Disponível

em: <<http://e-evista.unioeste.br/index.php/tempodaciencia/article/view/9817/7188>> Acesso em 03 set. 2016.

MELLO, Márcio A. **Transformações sociais recentes no espaço rural do Oeste de Santa Catarina: migração, sucessão e celibato.** In: Grupo de pesquisa:

Agricultura Familiar do XLIV Congresso da Sober “Questões Agrárias, Educação no Campo e Desenvolvimento”. Disponível em:

<<http://www.sober.org.br/palestra/5/1036.pdf>> Acesso em 08 set. 2016.

MINETTO, Maria M. **Caxambu do Sul um passado lindo.** Minuano, Caxambu do Sul. 1986.

OESTE CATARINENSE PTDRS, 2010. SDT/MDA 2010. Disponível em:

<http://sit.mda.gov.br/download/ptdrs/ptdrs_qua_territorio066.pdf> Acesso em 01 out. 2016.

PASE, Hemerson L., ROCHA, Humberto J. **O conflito social e político nas hidrelétricas da bacia do Uruguai**. In: RBCS vol. 30 nº 88 jun/2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v30n88/0102-6909-rbcsoc-30-88-0099.pdf>> Acesso em: 14 nov. 2016.

PREFEITURA MUNICIPAL DE CAXAMBU DO SUL. **Histórico do município**. Disponível em: <<http://antigo.caxambudosul.sc.gov.br/conteudo/?item=13197&fa=2630&PHPSES SID=iojmjrg6qtmhpd3ahet4das6o3>> Acesso em 29 set. 2016.

PUNTEL, J. A.; PAIVA, C. A. N.; Ramos, M. P. **Situação e perspectivas dos jovens no campo**. In: IPEA CODE 2011- Anais do I Circuito de Debates Acadêmicos. 2011. p. 1-20. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/code2011/chamada2011/pdf/area3/area3-artigo20.pdf>> Acesso em 03 set. 2016.

REDIN, Ezequiel et al. **Juventude rural e novas formas de sociabilidade mediadas pelas TICS**. Signos do Consumo, São Paulo, v. 5, n. 2, 2013. p. 225-244, dez. 2013. Disponível em: <<http://www.revistas.unifacs.br/index.php/rde/article/view/2738/2136>> Acesso em 03 set. 2016.

RENK, Arlene. **UNS TRABALHAM E OUTROS LUTAM: BRASILEIROS E A LUTA NA ERVA**. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 6, n. 14, nov. 2000, p. 239-258. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v6n14/v6n14a10.pdf>> Acesso em: 07 out. 2016.

RENK, Arlene; WINCLER, Silvana. **Entre Promessas e Incertezas: conflitos no uso e ocupação do entorno do lago da barragem Foz do Chapecó Energia**. In: Revista Antropológicas. Ano 18, nº 25 (2) p. 6-21, 2014. Disponível em: <<http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/383/262>> Acesso em: 14 nov. 2016.

ROCHA, Humberto. **Relações de poder na hidreletricidade: a instalação da UHE Foz do Chapecó na bacia do rio Uruguai**. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000862064>> Acesso em: 16 nov. 2016.

SANTIN, L. **Juventude e direitos humanos**. Trabalho de Conclusão de Curso Direito-Unochapecó. 2010.

SEBRAE/SC. **Santa Catarina em Números: Caxambu do Sul/Sebrae/Sc.** Florianópolis: Sebrae/SC, 2013. Disponível em:
<<http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Relatorio%20Municipal%20-%20Caxambu%20do%20Sul.pdf>> Acesso em 03 nov. 2016.

SILVA, F. C. A. et al. **Migração rural e estrutura agrária no oeste catarinense.** In: 2. ed. Revista e atualidade. Florianópolis: Instituto Cepa/SC, 2003. P. 1-97. Disponível em:
<http://docweb.epagri.sc.gov.br/website_cepa/publicacoes/migracao.pdf> Acesso em 08 set. 2016.

SOFIATI, Flávio M. **A juventude no Brasil: história e organização.** Disponível em:
<<http://www.apebfr.org/passagesdeparis/editione2008/pdf/14%20Flavio%20Munhoz%20Sofiasi.pdf>> Acesso em 21 jul. 2016.

STROPASOLAS, Valmir Luiz. **Os dilemas da juventude no processo sucessório da agricultura familiar.** In: juventude rural, cultura e mudança social. Arlene Renk, Clovis Dorigon – (orgs), Chapecó: Argos, 2014.

ZAGO, N.; BORDIGNON. C. **Juventude rural no contexto da agricultura familiar: migração e investimento nos estudos.** In. IX ANPED SUL-Seminário de pesquisa em educação da região SUL 2012. p. 1-16. Disponível em:
<<http://www.uces.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/download/1096/707>> Acesso em 03 set. 2016.